



Soma

CONTOS AFRICANOS DESENHADOS NA AREIA

Rogério Andrade Barbosa

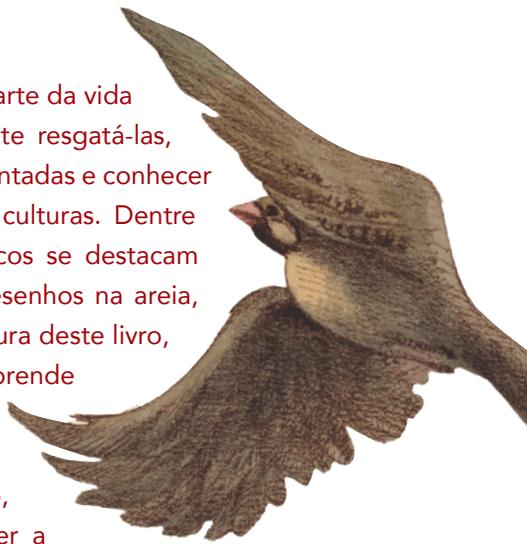


Ilustrações de
Thais Linhares

Suplemento do Professor
Elaborado por Andréia Manfrin



Contar histórias é uma arte que faz parte da vida de todos nós. Por isso é tão importante resgatá-las, saber como elas são tradicionalmente contadas e conhecer como elas são transmitidas em outras culturas. Dentre as numerosas etnias africanas, os quiocos se destacam por contar histórias enquanto fazem desenhos na areia, conhecidos como *sona*. Por meio da leitura deste livro, narrado por um jovem quioco que aprende com seu avô a arte de contar histórias acompanhadas de *sona*, é possível conhecer mais a fundo essa tradição, encantar-se com as histórias e entender a importância de se preservar a cultura dos povos, transmitida de geração em geração, para que a memória se mantenha presente e mais viva do que nunca.



1. Alma de ouvir

A fim de aproveitar ao máximo todo o conteúdo da história, sugerimos que você proponha uma atividade de sensibilização anterior à exploração do livro. Para isso, pergunte aos alunos se eles têm o hábito de ouvir histórias contadas pelos adultos com quem convivem: pais, avós, tios ou responsáveis. Em seguida, convide alguns alunos a compartilhar histórias com a turma. Você pode propor um dia específico para isso, solicitando ao adulto que a conte novamente e, se possível, que fale sobre como a história chegou até ele, se conhece sua origem etc. No dia da contação, organize a atividade com os alunos sentados em círculo, se possível em almofadas, para que essa seja uma atividade prazerosa e confortável. Esse momento, totalmente dedicado à oralidade, é importante para que eles se sensibilizem para a leitura da história do livro.

Agora chegou o momento de explorar o livro. Comece pedindo aos alunos que o manipulem livremente, prestando atenção às formas e cores das ilustrações e do livro de um modo geral. Depois, oriente-os para que relacionem o título do livro aos desenhos geométricos: Como e onde são desenhados? O que representam? Quem será que os desenha? Com que objetivo? etc. Pergunte também se conhecem contos e histórias africanas e, em caso afirmativo, convide-os a compartilhá-los com a turma. Depois dessa exploração inicial, é possível passar à leitura da história. Como esse livro fala sobre oralidade, sugerimos que a leitura seja feita coletivamente, se possível também em formato de roda de histórias, para que a ambientação ajude os alunos a desfrutar ao máximo do conteúdo e dessa forma de literatura. Além disso, você pode convidá-los a revezar a leitura, solicitando que um deles leia a história da abelha e do *kasewe*, por exemplo. Ao final, vocês podem confirmar juntos as respostas às perguntas feitas anteriormente.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: EF15LP02, EF15LP03, EF15LP09, EF15LP10, EF15LP15, EF15LP16, EF15LP18 e EF35LP21.



2. Dedos de contar

A exploração efetiva dos *sona* pelos alunos é muito rica e interessante. Ao final da primeira leitura, convide-os a retornar à página 10 a fim de entender melhor a relação entre o desenho e a história do coelho. Como eles puderam observar, o desenho geralmente representa os personagens e os lugares que fazem parte da história. Peça que localizem os quatro personagens e a mina valiosa no desenho, de acordo com a legenda do texto. Depois, pergunte qual dos animais consegue chegar até a mina. É importante que eles percebam que o único animal capaz de chegar até ela é o coelho, e que, por isso, o desenho representa tão bem a narrativa. Em seguida, convide-os a traçar o provável caminho passando o dedo por cima do desenho, sem tirá-lo do papel, conforme manda a tradição. É possível também sugerir que eles façam esse traçado com um lápis colorido, a fim de perceber se já passaram ou não pela mesma linha. Em seguida, explore os *sona* apresentados na contracapa do livro. Peça que leiam o nome das figuras e tentem associá-las à sua representação. Pergunte se é fácil identificá-la, se conseguem imaginar o começo da figura etc. Chame a atenção deles para o fato de os pontos serem sempre lineares.

Agora você pode partir para uma atividade prática, permitindo que os alunos assumam o papel de um *akwa kuta sona*. É claro que não se tem a pretensão de que eles façam desenhos perfeitos ou que dominem a atividade dos *sona* – afinal, como o próprio livro diz, essa habilidade é adquirida com muita prática, e o contador, além de dominar a técnica, deve saber de cor suas histórias –, mas é interessante que eles experimentem como isso funciona. Para isso, providencie caixas com areia fina em número e tamanho suficientes para todos os alunos, caso a escola não disponha de um espaço com essas características na área externa. Em seguida, proponha a leitura de um conto africano pela turma (nas sugestões para o professor você encontra algumas indicações que poderão auxiliá-lo na busca por histórias, mas você também pode aproveitar a proposta para levar a turma à biblioteca, a fim de explorar livros de histórias e contos africanos que façam parte do acervo) e convide-os a fazer um *lusona* na areia representando a história. É importante que seja a mesma história para toda a turma, assim vocês podem, coletivamente, fazer o levantamento tanto dos personagens como dos lugares presentes na narrativa e explorar as diferentes possibilidades de desenhos que podem ser feitos. Como

as formas dos *sona* partem de pontos alinhados, você também pode convidar o professor de Matemática para participar da proposta, abordando temas como formas geométricas e simetria, por exemplo. Deixe os alunos explorarem livremente a forma de contar a história e também os possíveis desenhos que podem ser feitos com base nela.

É importante que os alunos possam ter a oportunidade de explorar os desenhos dos colegas, a fim de conhecer todas as possibilidades de criação. Além disso, o fato de os desenhos serem feitos na areia é bastante simbólico, pois significa que eles não



são perenes. Aproveite para conversar sobre isso com os alunos. Pergunte o que pensam do fato de esses desenhos serem facilmente apagáveis, se acham que isso tem alguma explicação. Em seguida, reforce a ideia de que as histórias são contadas oralmente pelos mais velhos e transmitidas de geração em geração. Portanto, ainda que os desenhos feitos na areia se apaguem, as histórias continuam vivas na memória daqueles que as contaram e na dos ouvintes, que podem levá-las adiante. Essa característica é fundamental para manter viva a tradição e a memória desses povos.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF15LP19**, **EF35LP02** e **EF35LP21**.

3. Olhos de observar

Muitos povos africanos mantêm a tradição de contar histórias e transmiti-las de geração em geração. Na maior parte dos casos, os mais velhos são responsáveis por essa tradição e são bastante respeitados por serem mais sábios e vividos. Isso é exemplificado no texto quando o narrador fala da história da desavença entre o pássaro do mel e a abelha, e sua mãe lhe diz que as histórias nos ajudam a aprender como nos comportarmos e como diferenciar o certo do errado. Aprender com culturas diferentes das nossas – ainda que tenhamos incontáveis influências de diversos povos africanos em nossa formação – é muito importante para enriquecer nosso repertório e nossa forma de enxergar o mundo. Por isso, sugerimos que você proponha um trabalho de pesquisa sobre o povo quioco. Organize a turma em quatro grupos e aponte um aspecto da identidade cultural para cada grupo pesquisar, como língua, arte, culinária e religião (ou modo de vida), por exemplo. Além do aspecto mencionado, os alunos também devem pesquisar um conto tradicional desse povo. Se preferir, peça a ajuda dos professores de História e Geografia para pensar em um projeto integrado. Estabeleça uma data para que as pesquisas sejam apresentadas oralmente para toda a turma, a fim de que todos conheçam um pouco mais sobre a identidade cultural dos quiocos. As apresentações podem ser realizadas com a ajuda de fotografias ou vídeos, se for o caso. Em seguida, promova uma nova contação de histórias, que pode ou não vir acompanhada dos *sona*, para que os alunos apresentem os novos contos pesquisados. As atividades de contação de histórias são muito importantes para os alunos trabalharem a oralidade e a escuta, além de ampliarem seus repertórios literários e culturais.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF15LP09**, **EF15LP10**, **EF15LP13**, **EF15LP15**, **EF35LP18**, **EF35LP20** e **EF35LP21**.



4. Coração de escutar

É muito provável que os pais ou responsáveis dos alunos, como forma de ensinamento, já tenham usado histórias para exemplificar situações boas e ruins. E é provável também que os alunos tenham guardado algumas delas em suas memórias. Sugerimos que você explore essas histórias que partem da vivência pessoal dos alunos e que têm como objetivo o aprendizado – uma das inúmeras funções da literatura. Para iniciar a atividade, retome mais uma vez a passagem do livro em que o narrador conversa com sua mãe sobre ter ficado triste com a história do pássaro *kasewe*. Informe aos alunos que, na literatura, há muitas histórias que são criadas para explicar diferentes fenômenos da natureza, como o fato de que o pássaro sempre aponta para os humanos o local exato onde as abelhas fazem suas colmeias. Pergunte aos alunos se eles conhecem histórias com essa característica – algumas lendas indígenas, como a da mandioca, a do surgimento da Lua e do Sol e tantas outras são bastante conhecidas. Agora é possível explorar as histórias com ensinamentos que os alunos já ouviram de seus pais, avós ou responsáveis. Dessa vez, se achar interessante, você pode pedir que eles as contem oralmente, em formato de roda de histórias, e que depois façam o registro dessas histórias por escrito, pensando em todo o processo de transformação de uma história oral em escrita, respeitando a ideia da narração em primeira ou terceira pessoa, a descrição dos personagens e do espaço, o enredo e o começo, meio e fim. Ao final, essas histórias podem ser reunidas em um livro da turma de histórias tradicionais, que pode ficar disponível para leitura e consulta na biblioteca da escola ou na própria sala de aula.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: EF05LP26, EF05LP27, EF15LP05, EF15LP06, EF15LP07, EF15LP15, EF35LP07, EF35LP08, EF35LP09, EF35LP14 e EF35LP25.

Sugestões para o professor

As atividades sugeridas neste suplemento pretendem auxiliá-lo a abordar o livro e seu tema em sala de aula. Contudo, o trabalho não deve se limitar a isso. Veja, a seguir, algumas indicações de conteúdo que podem ajudá-lo a expandir a discussão.

- A ARTE de contar histórias em desenhos. *Rede Angola*, Luanda, 28 out. 2015. Artigo que apresenta algumas histórias acompanhadas de *sona*. Disponível em: www.redeangola.info/multimedia/arte-de-contar-historias-em-desenhos/. Acesso em: 27 fev. 2020.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Histórias africanas para contar e recontar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.
- BRAGANÇA, Albertino; CARDOSO, Boaventura; AGUALUSA, José Eduardo et al. *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009. (Coleção Para gostar de ler).
- KIRIKU e a feiticeira. Direção: Michel Ocelot. França/Bélgica: France 3, 1998. 1 vídeo (74 min). Classificação indicativa: Livre. Animação ambientada na África Ocidental.

